

Os Indesejáveis da Praça da Sé (SP)

Uma Aproximação Etnográfica

Beatriz Ferraz Diniz



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/512>

DOI: 10.4000/pontourbe.512

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Beatriz Ferraz Diniz, « Os Indesejáveis da Praça da Sé (SP) », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/512> ; DOI : 10.4000/pontourbe.512

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Os Indesejáveis da Praça da Sé (SP)

Uma Aproximação Etnográfica

Beatriz Ferraz Diniz

AUTHOR'S NOTE

Este texto serviu-se dos estudos feitos por ocasião da disciplina de pós-graduação: A dimensão cultural das práticas urbanas, ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani (FFLCH-USP), durante o primeiro semestre de 2012.

APRESENTAÇÃO

- 1 Este artigo, baseado na etnografia urbana realizada na Praça da Sé, localizada na cidade de São Paulo, versa sobre as representações da vadiagem segundo diferentes atores sociais. Trata-se da temática de estudo de mestrado da autora ainda em andamento, de modo que as considerações aqui expostas não têm a pretensão de responder às questões mais profundas acerca do tema, mas de colocar à disposição as respostas que os pesquisados deram sobre determinados assuntos e escolher, entre as estruturas conceptuais disponíveis, aquelas que melhor informam os atos dos nossos sujeitos (GEERTZ, 1978). Os instrumentos utilizados para a investigação do nosso objeto de pesquisa basearam-se em observações de campo, entrevistas e fotos.
- 2 O trabalho de campo foi dividido em duas etapas: na primeira tínhamos como objetivo fazer um mapeamento preliminar do local, deixando-nos levar pelos estímulos sensoriais da paisagem a fim de detectar os padrões e as regras utilizados pelos usuários daquele espaço. Para tanto, tentamos, desde a primeira visita ao campo, delimitar um cenário, seus atores sociais e suas regras ou *script*, como um esquema para distanciar o olhar do antropólogo do senso comum (MAGNANI, 1996). Na segunda etapa, após a identificação das diferentes formas de apropriação daquele espaço, da escolha dos atores sociais e da delimitação do cenário, pretendíamos realizar entrevistas com os atores sociais

escolhidos. Foram realizadas 5 (cinco) entrevistas durante um mês e meio de trabalho de campo, além de algumas conversas de curta duração com transeuntes.

- 3 Mesmo com a restrição de tempo, foi possível perceber na praça, inicialmente apreendida como um lugar caótico e ocupado desordenadamente, padrões e regularidades dados pelos seus atores sociais, constituindo-se em um espaço de sociabilidade construído através de discursos e códigos diversos. As entrevistas com os atores sociais escolhidos não seguiram um roteiro prévio, configurando-se mais como um “bate-papo” (SPINK, 2008) com foco na investigação das possíveis representações da vadiagem.
- 4 É importante destacar que em quase todas as entrevistas a questão do vadio/vagabundo apareceu, conforme veremos adiante. É ampla a variedade das pessoas que circulam pela Praça da Sé, no entanto denominamos como atores sociais aqueles que se apropriam deste espaço seja para fins de lazer, sociabilidade ou trabalho. A partir da identificação e classificação dos atores sociais, segundo o enfoque escolhido, é possível fazer inferências para determinar comportamentos, sendo a busca dos seus significados um dos objetos de preocupação central à Antropologia (MAGNANI, 1996).

SOBRE O TEMA DA VADIAGEM: UMA CIRCUNSCRIÇÃO TEÓRICA

- 5 Em 2010 e 2011, a pesquisadora realizou um projeto de pesquisa e intervenção com a temática do desemprego e geração de renda em segmentos populares tendo como base o “Projeto Desemprego” (FARINA & NEVES, 2007), junto ao Centro de Psicologia Aplicada ao Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Parte desse projeto ocorreu em uma praça pública de um município da região metropolitana de São Paulo, visando fomentar a discussão do tema em espaço público (DINIZ & BATISTA, 2011).
- 6 Nesse contexto, os homens que estavam na praça afirmaram-se como trabalhadores em oposição às mulheres e jovens que também a ocupavam, associando-os às representações de vadiagem. “Saber trabalhar” foi considerado motivo de orgulho para muitos, pois, segundo eles, “graças a Deus não eram vagabundos”, sendo o trabalho representado como o que conferiria dignidade aos homens. Neste discurso, aquele que é visto como “vadio” ou “vagabundo” não é (necessariamente) aquele que está desempregado, mas, principalmente, aquele que usa seu tempo de maneira ociosa e, por isso, é considerado indigno. O “não fazer nada” aparece como motivo de escárnio e condenação personificado na figura do vadio.
- 7 Em estudo sobre o cotidiano e a organização do trabalho em uma fábrica ocupada pelos próprios trabalhadores (<http://www.fabricasocupadas.org.br/atencao/?p=787>), verificou-se que, além da reivindicação central pela manutenção dos postos de trabalho, havia forte estímulo para que os trabalhadores da fábrica usufríssem seu tempo livre em atividades que visassem o desenvolvimento pessoal, a convivência social e o lazer (DINIZ, 2007; 2009). A importância de um tempo fora do trabalho foi a principal causa para a redução da jornada de trabalho (para 30 horas semanais), sem alteração nos salários e na produtividade da fábrica (<http://tiremasmaosdacipla.blogspot.com.br/2008/02/flask-dois-anos-de-reduo-da-jornada-de.html>).
- 8 A gestão dessa fábrica desafiou o modo legitimado de pensar sobre o tempo de trabalho e tempo de vida (THOMPSON, 2005), uma vez que, embora a discussão sobre a redução da jornada de trabalho esteja relacionada a um mecanismo contra o desemprego estrutural,

transcende essa esfera colocando a reflexão acerca da autonomia dos indivíduos quanto ao controle do processo produtivo e, por sua vez, um questionamento dos seus fins (ANTUNES, 1999). Nesta perspectiva, a discussão sobre a redução da jornada apresenta dois importantes aspectos: a contraposição à extração do sobretrabalho¹ e a ampliação do tempo livre disponível, um tempo controlado pelos próprios indivíduos, que se revela como potencialmente criativo e emancipatório, colocam em questão a disciplina do trabalho na fábrica (SATO, 1997), ao mesmo tempo em que esbarram nos limites de exploração da força de trabalho.

- 9 É nesse contexto de debate sobre o lugar do trabalho em nossa sociedade que se compreende a figura (IANNI, 2002) do vadio, partindo-se de uma concepção de vadiagem como modo de vida que contesta a apologia (capitalista) do trabalho (CANDIDO, 1967). Foi essa figura que apareceu de modo emblemático na pesquisa e intervenção na praça na região metropolitana de São Paulo, colocando como questão a contemporaneidade das representações acerca da vadiagem.
- 10 O fenômeno da vadiagem apresenta-se como um ponto básico na história da formação do mercado de trabalho no estado de São Paulo (KOWARIK, 1994). Após quatro séculos de escravidão, formou-se uma massa de homens livres e pobres que não se encaixavam no rígido sistema escravocrata, tipificados pelo caipira paulista (CANDIDO, 1967), desenvolvendo meios de vida baseados em formas de sociabilidade e de subsistência que tornavam desnecessária a introdução de hábitos mais rigorosos de trabalho. No entanto, essa cultura tradicional passou a ser vista como um entrave para a livre expansão capitalista, sendo progressivamente desclassificada e marginalizada como razão de atraso do país e "antro de vadiagem".
- 11 Não obstante, no período após a abolição da escravatura, a preocupação central dos governantes se refere à questão do trabalho, ou ainda, do não trabalho, datando dessa época um projeto de combate à ociosidade. Sobre este projeto Amancio (2010) comenta,
[...] a principal preocupação reside em transformar o liberto em trabalhador. O liberto era, por excelência, ocioso, vicioso e incapaz de se adaptar, sem a intervenção da lei, ao mundo dos livres. Mais do que combater a vadiagem estava em pauta um projeto de condicionamento disciplinar desses sujeitos. Havia a necessidade de pedagogicamente produzir indivíduos que atendessem a certo padrão de comportamento, conveniente à sua nova condição. Seria esse, portanto, um sujeito diferente daquele que a escravidão criara. (p.68).
- 12 Neste contexto, verifica-se que o controle social dos "vadios", em sua maioria negros e pobres, foi feito em especial por meio de prisões nas primeiras décadas do século XX, no Brasil (AMANCIO, 2010; CARVALHO, 2006; FAUSTO, 2001), sendo a vadiagem considerada crime e constituindo especial objeto de preocupação da elite governante. "A vadiagem recebe contínuas referências não por constituir uma quebra acidental da ordem ou um vício com consequências sobretudo pessoais, mas um modo de ser delinquente que investe contra a lei suprema do trabalho" (FAUSTO, 2001, p.50). Um modo de ser que, além de inconveniente, responsabilizava o indivíduo que o praticava.

Os relatórios das autoridades, assim como os projetos de *regeneração* dos vadios refratários, revelam uma visão da vadiagem como desvio comportamental e não como decorrência de contingências sociais [...] em uma região caracterizada pelo rápido crescimento das atividades econômicas o *desamor ao trabalho* representava um procedimento altamente condenável, uma opção individual perversa em um meio bafejado pelo progresso em que, segundo se acreditava, havia oportunidades para todos [...] Mas, afinal de contas, isso não soa familiar? (FAUSTO, 2001, p. 54-55, grifos do autor).

- 13 Para Goetttert (2006), as representações acerca dos trabalhadores e não trabalhadores e suas implicações na história do Brasil se constituem como uma necessidade ideológica que garante a manutenção de um mundo dicotomizado entre os “bons” e os “maus”, possibilitando a permanência constante de braços para o trabalho, fundamento do “Brasil Gigante” (CHAUÍ, 2000). “As representações, assim, agem como um componente fundamental na aceitação da própria condição de trabalhador, ao mesmo tempo em que impossibilitam a percepção do jogo no qual o trabalhador está inserido”. (GOETTERT, 2006, p. 103).
- 14 Na experiência referida da pesquisadora na praça pública na região metropolitana de São Paulo, constatou-se que os homens que se opunham aos frequentadores típicos da praça, ou seja os “vadios”, não se reconheciam como tais, embora estivessem durante o período da pesquisa na mesma praça, em geral apenas sentados nos bancos ou conversando em uma roda de pessoas. Neste sentido, cabe indagar em que medida e de quais formas tais representações ressoam na atualidade e de que maneiras elas reforçam preconceitos e justificativas de dominação entre classes ou mesmo entre pares.

ETNOGRAFIA NA PRAÇA DA SÉ: UM LUGAR DE VADIAGEM?

Cenário

Chegando à Praça da Sé

- 15 A pesquisa de campo constitui-se como um processo de convivência entre as pessoas (SATO & SOUZA, 2001), sendo, comumente, muito angustiante em seu início. Questões básicas sobre com qual roupa ir, o que levar na bolsa, onde se acomodar e como abordar as pessoas atormentam o pesquisador, trazendo à tona, inclusive, dúvidas quanto à relevância da própria pesquisa e do método empregado. Na pesquisa etnográfica como na convivência entre as pessoas, o estranhamento cede lugar à familiaridade conforme nos fazemos presentes no campo, conversamos com as pessoas, entendemos as regras e descobrimos, no aparente caos, padrões e regularidades que guiam os comportamentos locais. Deixemos Sato & Souza (2001) falarem,

Diferentemente de outras estratégias e desenhos metodológicos, onde se conta com um protocolo norteador dos comportamentos a serem adotados na coleta de dados em que muitas vezes padronizam-se as falas, a forma de apresentação dos pesquisadores aos sujeitos pesquisados, na pesquisa etnográfica é o pesquisador, a cada pesquisa, a cada dia com cada pessoa que vai, paulatinamente, construindo as estratégias para colher informações (Rockwell, s.d.), ou, como aponta Peirano (1995), ao referir-se a Evans-Pritchard, não há “cânones possíveis na pesquisa de campo. (p.34).

- 16 Assim, descreveremos a seguir as nossas estratégias de pesquisa que foram utilizadas nas idas à Praça da Sé.

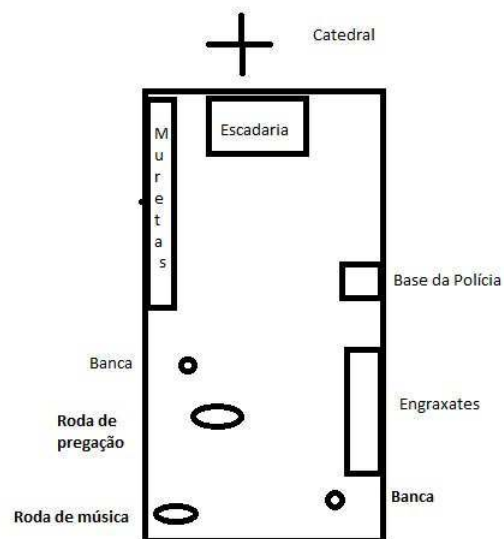
Caminhando e observando

- 17 A caminhada é um recurso valioso para o início do trabalho de campo. Além de constituir-se como uma ferramenta para uma primeira delimitação da paisagem, ela permite ao pesquisador treinar e dirigir seu olhar. Magnani & Torres (1996) nos alertam que essa

caminhada deve obedecer a um ritmo mais lento que o do usuário e mais regular que o do passeante, pois deve permitir ao pesquisador uma observação contínua, seguindo o fluxo do seu andar e parar. Como dizem os autores,

Devia-se estar atento principalmente à materialidade da paisagem: relação entre espaços vazios e construídos, disposição das edificações e equipamentos, escala, volumetria, ruídos, cores, cheiros. Não se tratava de buscar o inusitado, o inesperado mas, ao contrário, o reiterativo, o padrão, a norma. A delimitação prévia do percurso e a cobertura do trajeto em sua totalidade sem interrupções é condição para se captar a diversidade de uma rua, por exemplo, sem se deixar levar pela fragmentação que, à primeira vista, ela parece exibir. Deve haver uma ordem, um ritmo, regras. Os usuários obedecem a essa ordem sem necessariamente dar-se conta disso, pois o padrão está internalizado. Ao pesquisador cabe identificar tais regras. (MAGNANI & TORRES, 1996, p. 16-17).

- 18 Conforme caminhávamos, reparávamos no grande número de pessoas que se dirigiam à Praça da Sé, exercendo as mais variadas atividades. A praça parece ser transformada pelos seus usuários em um lugar de trabalho, de lazer, de turismo, de exercício de crença religiosa, de manifestação política etc.
- 19 A Praça da Sé – marco zero do município- ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_da_S%C3%A9_\(S%C3%A3o_Paulo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_da_S%C3%A9_(S%C3%A3o_Paulo))) está localizada na área central da cidade de São Paulo, sendo considerada um dos pontos mais importantes da capital e tendo em seu entorno a subprefeitura da Sé, uma estação de metrô, uma unidade do Poupatempo, além de uma movimentada região comercial. Em seu contorno estão a Rua Anita Garibaldi à direita, a Rua Praça da Sé à esquerda, a Rua Santa Tereza no fundo e, na frente, a Rua Praça Dr. João Mendes. Para este trabalho, consideramos como Praça da Sé o espaço que compreende a frente da catedral metropolitana de São Paulo, caminhando em linha reta até a Rua Santa Tereza, conforme o mapa feito pela pesquisadora após algumas idas a campo:



- 20 E também por meio de foto,



Figura 1: Foto tirada da escadaria da Catedral da Sé. 18/07/2012

Identificando pontos de apoio

- 21 Alguns lugares em específico mostraram-se como verdadeiros pontos de apoio para a pesquisadora durante o trabalho de campo. Amparada pelas delimitações desses lugares, a pesquisadora pôde “puxar conversa” com as pessoas que estavam ali ao lado, constituindo-se como importante estratégia de aproximação com o campo. Como relata Sato & Souza (2001),

Nem sempre percebemos, mas o pesquisador também acaba por construir uma rotina em sua estada no campo, a qual parece construída para nos organizarmos, para criarmos pontos de apoio. Nessa organização de uma rotina, dividimos nosso tempo, construímos e conquistamos espaços materiais e simbólicos, conquistamos um lugar para nos movermos no local. Ela é criada a partir de possibilidades dentro da rotina, da divisão dos tempos e de espaços do local, dando-se no seu interstício e, portanto, induzida pelo relacionamento com as pessoas, pelo funcionamento, pelas regras e rotina do local, por nossa curiosidade e objetivos. (p.33).

- 22 Dentre esses lugares, destacamos a roda de pregação e a região das muretas que contornam a lateral da Praça da Sé.

A roda de pregação



FOTO 2: O PREGADOR, AO CENTRO, E SEUS ESPECTADORES. 18/07/2012

- 23 As rodas de pregação acontecem sempre no mesmo lugar previamente delimitado com uma fita crepe colada no chão. Com o passar do tempo, reparamos que, dependendo do horário, encontrávamos determinados pregadores, sugerindo uma ordenação desta atividade. Por meio de relatos de transeuntes, tomamos ciência que, de fato, há um esquema de negociação de acesso à praça entre os pregadores que se revezam em “equipes” em dias e horários previamente marcados para pregarem.
- 24 Os pregadores, em geral, estão em duplas, sendo um deles o “protagonista”, que fica no centro da roda clamando com o público, e o segundo, que apenas lê em voz alta passagens da bíblia quando solicitado pelo primeiro. Sempre estão rodeados de pessoas que, em geral, permanecem a tempo de o pregador pedir uma “contribuição para realizar a benção”. Os pregadores enchem de som a praça e não há como não escutá-los (<http://www.youtube.com/watch?v=4cpVfx5FA8c>). Foi em torno deste ambiente que muitas das conversas se desenrolaram.

As muretas



Figura 3: As “muretas”, ao lado da Catedral da Sé. 18/07/2012

- 25 A região das muretas, como estamos denominando, constitui-se como outro lugar onde conseguimos nos inserir posteriormente às rodas de pregação. Foi preciso que o campo se tornasse mais “familiar” para que nos sentíssemos autorizados a permanecer naquela região. Além de entendermos que ali poderia ser um lugar propício a conversas, este foi frequentemente referido quando a pesquisadora conversava com os usuários da praça sobre a temática da vadiagem. Entendemos que as pessoas estavam nos dando “dicas” (SATO & SOUZA, 2001) acerca das regras do funcionamento do campo e, mais do que isso, elas apontavam para as pessoas que estavam encostadas nas muretas como o “exemplo vivo de vadiagem”.

Olha e hoje até tem pouco- apontou para a mureta ao nosso lado que estava cheia de gente. Eles vêm e tiram uns 30, 40 reais por dia e ficam aí, o pessoal dá dinheiro achando que eles vão usar para comer, mas gastam tudo em droga e bebida, não tem jeito. (Diário de Campo, conversa com um dono da banca de jornal, 13/07/2012).

Analisei um pouco ao redor e me encostei-me a uma mureta, ao lado da banca de jornal. Cerca de 5 minutos depois, chegou um senhor, colocou um jornal para sentar em cima e me disse: como tem ‘gentarada’ hoje aqui. Perguntei se ele se referia aos moradores de rua, e ele confirmou, apontando com o dedo para os lados. (Diário de Campo, conversa com um senhor aposentado, 20/08/2012).

Atores Sociais

- 26 É ampla a variedade das pessoas que circulam pela Praça da Sé, no entanto, estamos denominando como atores sociais aqueles que a utilizam como local de trabalho, em oposição àqueles que apenas a utilizam como lugar de passagem ou como ponto turístico. A partir da identificação e classificação dos atores sociais, segundo o enfoque escolhido, é possível fazer inferências para determinar comportamentos, sendo a busca dos seus significados um dos objetos de preocupação central à Antropologia (MAGNANI, 1996). Classificamos em quatro categorias os atores da Praça da Sé: os policiais, os engraxates, os donos da banca de jornal e os pregadores. Destas categorias conseguimos entrevistar três, faltando apenas os engraxates.

- 27 O policiamento da praça é realizado tanto pela guarda civil metropolitana, comumente conhecida como guarda municipal, como pela polícia militar. A primeira circula geralmente em duplas ou trios por todo o espaço da Praça, a pé ou de carro, enquanto a segunda é mais fixa, se concentrando em frente à base. A polícia, tanto militar quanto civil, é composta em sua maioria por homens, brancos, aparentemente com idade que varia de 25 a 45 anos. A entrevista foi realizada com um policial militar do sexo masculino, branco, de 45 anos. Foi feita uma tentativa de entrevistar um policial militar do sexo feminino, mas esta se recusou a conversar, pois não gostava “dessas coisas de escola”.
- 28 Em relação aos engraxates, eles formam um pequeno e restrito grupo composto apenas por homens, em sua maioria por senhores de idade avançada, que ficam sentados em frente a suas cadeiras esperando os clientes. Embora não tenha sido possível realizar entrevistas com os engraxates, esta foi uma das categorias que mais despertou o interesse da pesquisadora. Segundo disse orgulhosamente um engraxate que pediu para voltarmos aos sábados, os engraxates são, junto com os donos das bancas de jornal, os que estão há mais tempo trabalhando na Praça da Sé. Ambos são muito assediados, saem em fotos e participam de pesquisas. Só eles têm licença da prefeitura para trabalhar. Este reconhecimento por parte do poder público parece significar uma forma de distinção entre as demais pessoas que utilizam a praça como lugar de trabalho.
- 29 Distribuídas por toda a Praça, as bancas de jornal modelam a paisagem da Praça da Sé. Seus usos são múltiplos. Os mais observados foram a recarga de bilhete único e de celular e a obtenção de informação de ruas do centro. A entrevista na banca de jornal era constantemente interrompida por pessoas, de maneira que a pesquisadora permaneceu na banca cerca de vinte e cinco minutos para realizar uma entrevista que durou pouco mais de dez minutos. No entanto, estar na banca de jornal se mostrou uma ferramenta interessante, em que foi possível “sentir na pele” a movimentada dinâmica da praça. O jornaleiro, assim como o engraxate, parece delimitar a praça como um lugar de trabalho, que, nos fins de semana cede um espaço para as entrevistas.
- 30 Os pregadores, conforme descrito anteriormente, realizam as conhecidas rodas de pregação na Praça da Sé. Em geral, não são bem vistos pelos demais atores sociais e transeuntes, sendo associados com a figura do usurpador que se “aproveita da ignorância do povo”. No entanto, em nossa entrevista, eles afirmaram manter uma relação amistosa tanto com os policiais como com os donos das bancas de jornal, engraxates, e que somente algumas pessoas “os perseguiam” por conta de suas convicções religiosas. Afirmando que têm licença da prefeitura para realizarem as rodas de pregação, ato, segundo eles, “destinado por Deus”.

Regras

- 31 Um primeiro aspecto a se destacar nas entrevistas e observações refere-se à menção da presença dos moradores de rua na praça. Todos os entrevistados partilham a ideia de que a Praça da Sé é um lugar em que se encontra muito morador de rua, representados hegemonicamente como “viciados” e “vagabundos”. As soluções variam desde a internação em albergues do governo, trabalho forçado, até a restauração que só a palavra de Deus pode conceder.

Olha, o reino do céu é dos humildes, então não vou dizer que os mendigos, as prostitutas, o bandido, não tem condições de ter uma vida restaurada, e quem

restaura é Deus, o que eu tento falar é uma palavra de consolo [...] teve até um homem que era mendigo e hoje está restaurado e virou pastor. (Diário de Campo, conversa com um pregador, 18/07/2012).

Hoje até que tem pouco. Eles vêm e tiram uns 30, 40 reais, por dia e ficam aí, o pessoal dá dinheiro achando que eles vão comer, gastam tudo em droga e bebida, não tem jeito, a prefeitura também num está interessada em resolver, isso não dá dinheiro. Vira e mexe eles brigam entre si, a polícia só interfere mesmo com coisa grave, acho que o único jeito era pegar todos e colocar numa ilha e não deixar beber, isolar, e forçar trabalhar, muitos aí têm família, mas vão ficar um dia e depois voltam aqui. (Diário de Campo, conversa com um dono da banca de jornal, 13/07/2012).

É tranquilo trabalhar na Sé, tem muito morador de rua que é omissão do poder público. O governo não cria clínicas para internar, de tratamento, antes tinha os albergues para os moradores de rua dormir e ali tratava deles, mas hoje diminuiu isso. Olha só tá vendo aquele ali? Tem até aposentadoria, mas eles preferem ficar ali pelo vício do alcoolismo do que ir para a casa, e tem aqueles que vêm da periferia vem para cá porque tem mais recurso, tem cobertor, tem comida, é mais fácil viver ali, a maior parte é viciada em alcoolismo mesmo. Também têm as pessoas com problema psicológico ou que sofreram um trauma, como perder um ente querido. E você sabia que os moradores de rua e o pessoal que usa crack não se dão? (Diário de Campo, conversa com um policial, 18/07/2012).

- 32 Importante destacar que a pesquisadora, no primeiro dia de campo, foi abordada por um homem que estava junto a um grupo de moradores de rua. A conversa durou cerca de uma hora. Observou-se uma ampla rede de sociabilidade e sobrevivência que o olhar dos “trabalhadores” não consegue enxergar, reduzindo-os a viciados ou vagabundos. Entre eles, chamam-se por nomes, têm histórias de vida, utilizam a praça para múltiplos fins, inclusive para tentar conseguir um “bico”, tomar banho, conseguir uma “branquinha”, encontrar com os amigos etc.. No entanto, destacamos a presença de um discurso acerca da empregabilidade e da evocação da figura do vadio como explicação para o desemprego, inclusive entre os próprios “vagabundos”. Reparemos a semelhança com o discurso do dono da banca de jornal, que cita trabalho forçado como a única maneira de dar um jeito nos moradores de rua,

Trabalho tem sobrando, o problema é a qualificação, aqui são tudo acomodado e num querem trabalho pesado. Em São Paulo tem trabalho sobrando [...] se eu fosse vereador, ia colocar tudo mundo em um abrigo e obrigar todos a trabalhar. (Diário de Campo, conversa com moço que estava nas muretas com um grupo de moradores de rua e outros, 11/07/2012).

- 33 Outro aspecto a se destacar são as percepções dos diferentes atores sociais sobre a Praça da Sé. Em geral, eles partilham a ideia de que a praça está a mesma coisa, só mudando de “figurino” ou que a praça, juntamente com o centro de São Paulo, está abandonada. Destacamos a associação entre degradação do espaço e a presença dos “indesejáveis”: mendigos, viciados, vendedores ambulantes, sem-teto, etc.

Ah, a praça não mudou muito, antes só que tinha muito marreteiro (vendedor ambulante) que a prefeitura tirou tudo, pois achava que eles escondiam drogas por trás das barracas, mas não adianta não [...] que nem na cracolândia², tira de um lado eles vão para o outro. (Diário de Campo, conversa com um dono da banca de jornal, 13/07/2012).

Estou aqui faz cinco anos e acho a praça foi se degradando com o tempo. Antes também tinha bancos para pessoas sentarem, agora só tem banca (risos). Acho que o centro está se degradando, com muita ocupação de prédio pelos sem-teto, fora a violência [...] trabalho aqui desde moleque, 14 anos, naquele prédio, mas

precisariam ser várias coisas melhores como mais assistente social.(Diário de Campo, conversa com um policial, 18/07/2012).

- 34 Apenas o pregador acha ter ocorrido uma melhora da praça com o passar do tempo, mas se referindo às condições para realizar seu trabalho.

A praça mudou pouca coisa desde que eu comecei a fazer a pregação, é um lugar que tem gente de tudo quanto tipo, mas em relação ao meu trabalho somos amigos dos mendigos, dos policiais, somos queridos [...] a gente prega aqui na Sé, porque aqui é um lugar público e fomos apoiados pela lei. (Diário de Campo, conversa com um pregador, 18/07/2012).

- 35 Destaque para o trecho acima, em que o pregador afirma que eles “são amigos” de todos ali na Praça da Sé, o que não é confirmado pelo policial, nem pelo dono da banca de jornal. Aliás, em vários momentos em que a pesquisadora esteve observando as rodas de pregação, diversas pessoas que estavam ao lado ou passavam, demonstravam gestos de desaprovação ou de chacota em relação aos pregadores. Outro aspecto a se destacar em relação aos pregadores é que são comumente associados à figura do vadio ou do malandro que, ao invés de trabalhar e ganhar seu dinheiro dignamente, engana o povo com suas pregações.

Mas aquele ali é um vigarista, pega a confiança do fiel para pegar dinheiro.(Diário de Campo, conversa com um policial, 18/07/2012).

Eles passam esse envelope e pedem dez reais para levar as bênçãos e que depois ele põe uma maleta no meio e fala que quem quiser pode colocar qualquer valor que ele também as leva, os caras são malandros.(Diário de Campo, fala de um transeunte, 11/07/2012).

Tem os evangelhos light, em oposição aos verdadeiros, que são aqueles que são perseguidos por pregar a palavra de Deus, que inclusive, teve um que teve a costela quebrada pregando na Praça. O pessoal xinga a gente de vagabundo, falam para gente ir trabalhar.(Diário de Campo, conversa com um pregador, 18/07/2012).

- 36 Uma parte dos relatos aqui transcritos foi resultado de abordagens dos próprios transeuntes que, ao notarem a pesquisadora, espontaneamente começaram a falar. Outra parte foi produto da abordagem da própria pesquisadora que iniciava a conversa. A maneira como se abordou as pessoas que estavam na praça foi se aperfeiçoando conforme as idas a campo. Considerando que o tema da vadiagem é um assunto delicado, tomaram-se cuidados para evitar maus entendidos desnecessários. Antes de entrarmos nos relatos que versam diretamente sobre a temática desta pesquisa, gostaríamos de mencionar alguns elementos que podem contribuir para uma descrição mais rica do vivido em campo.

- 37 Em primeiro lugar, notou-se a presença maciça de homens nos diversos espaços que frequentamos na praça. As mulheres só eram vistas de passagem. Foram raras as que encontramos sentadas nas muretas, assistindo aos pregadores ou simplesmente em rodas de conversas. Inclusive não encontramos mulheres pregadoras, mulheres engraxates ou senhoras aposentadas conversando. Apenas encontramos, em uma única ocasião, um grupo de três mulheres moradoras de rua. Tal constatação também se deu em pesquisa anterior (DINIZ & BATISTA, 2011), em uma praça da região metropolitana de São Paulo. Parece que o espaço público ainda é um ambiente predominantemente masculino.

- 38 Um segundo aspecto refere-se à grande presença de migrantes entre as pessoas com quem conversamos, em especial oriundos da região nordestina e do estado de Minas Gerais. Em sua maioria, estas pessoas vieram para São Paulo na década de 1970 à procura de emprego e aqui permaneceram. A representação de São Paulo como a terra das oportunidades foi várias vezes pronunciada, mas como algo do passado. Na São Paulo de

hoje, as reclamações sobre o abandono da cidade e do centro, juntamente com a questão da segurança, foram as mais recorrentes. O que nos leva ao nosso terceiro aspecto.

- 39 As menções sobre a Praça da Sé do passado em comparação com a do presente foram frequentes. Sob o ponto de vista da segurança, a Praça da Sé de hoje é percebida como mais segura em relação ao passado, “em que não podia nem andar com uma correntinha de ouro”. Já em relação aos seus usuários, associa-se a presença de muitos mendigos, usuários de drogas e prostitutas com a degradação e o abandono da praça por parte da prefeitura ou do governo em geral. Essa degradação e abandono são fontes de vergonha para com o “gringo” que vem visitar “o cartão postal de São Paulo”. Destaque para os recorrentes avisos para a pesquisadora tomar cuidado, pois a praça está cheio de “oportunistas”, e para não “conversar com qualquer tipo de gente”. Neste contexto, as referências aos pedintes e usuários de drogas eram explícitas.
- 40 Por fim, identificamos a presença de um complexo esquema de negociação de acesso à praça entre os pregadores, que se revezavam em “equipes” em dias e em horários previamente marcados para realizar as rodas de pregação. Destaque para a interessante categoria de oposição que o pregador relatou, entre os “evangélicos light” e os “evangélicos de verdade”, que são “os perseguidos”.

A PSICOLOGIA SOCIAL E A ETNOGRAFIA: ALGUNS APONTAMENTOS

O método etnográfico

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito de vagabundo, cheio de curiosidade malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aqueles que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessantes dos esportes- a arte de flunar. (“A alma encantadora das ruas”, João do Rio).

- 41 “A metodologia é importante demais para ser deixada aos metodólogos”. É assim que Howard Becker (1994) inicia o primeiro capítulo do seu livro, em que o autor critica a prática dos metodólogos convencionais de apreço a uma “maneira certa” de como conduzir nossas pesquisas. Para o autor, esta suposta maneira certa conduz a atividade da ciência como algo que uma máquina poderia fazer, ou seja, em nome de uma pretensa eliminação de tendências incontroladas (como se isso fosse possível no campo das ciências sociais) exclui-se, de antemão, procedimentos metodológicos que não se encaixam neste padrão.
- 42 A etnografia, método apresentado neste artigo, tem suas origens na Antropologia Social. Entendida enquanto estratégia de contato e inserção no campo, esta perspectiva tem como preocupação fundamental o estudo das diferentes práticas culturais humanas desvinculadas de uma leitura evolucionista, em que o outro não é pensado como exótico ou primitivo, mas como portador de uma diversidade cultural.
- 43 Porém, mais que reconhecer e descrever essa diversidade cultural, o que importa a esta abordagem é a busca dos significados de tais comportamentos, baseada na aposta do estranhamento do que é tido como natural para aqueles membros de determinada cultura que se pretende estudar. Estranhamento esse como resultado de um processo de aproximação, convivência e compartilhamento de sentidos entre o pesquisador e os pesquisados. Trata-se antes de um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto

de procedimentos, "é a maneira de pensar quando o objeto é outro e que exige nossa própria transformação" (MAGNANI, 2002, p. 16).

- 44 Segundo Magnani (1996), a prática etnográfica consiste na alternância entre dois níveis, o local e a sua colocação em quadros mais gerais. Nesta perspectiva, a totalidade se constitui enquanto um pressuposto e não é dada de antemão, mas se constrói na relação negociada entre o pesquisador e a comunidade pesquisada. A importância de um arcabouço teórico anterior ao campo, por outro lado, permite que a construção da totalidade não resulte em fragmentação, mas siga certos padrões de regularidades. "*Las preguntas iniciales en el trabajo etnográfico provienen de polémicas teóricas y que la descripción etnográfica no es un reflejo de la cultura estudiada, sino un objeto construido*". (ROCKWELL, 2009, p.102).
- 45 Desse modo, a etnografia se dedica a compreender crenças, valores, desejos e comportamentos dos sujeitos por meio de uma experiência vivida. Suas características principais são: documentar o não documentado; obter como produto de trabalho analítico sempre uma descrição; permanecer longamente no campo; interpretar e integrar conhecimentos locais à elaboração da descrição; construir conhecimento, descrever realidades particulares buscando relações relevantes às inquietações teóricas mais gerais (ROCKWELL, 1991 apud SATO & SOUZA, 2001).

O método etnográfico na Psicologia Social

- 46 A utilização desta abordagem em pesquisas de Psicologia do Trabalho e das Organizações (ver especialmente Sato, 1997) tem se mostrado fértil na medida em que o estudo da subjetividade não se restringe ao que as pessoas "pensam ou conhecem", mas ao que "faz sentido" para elas e, em segundo lugar, porque é importante, para o estudo desses processos, conhecer o contexto material no qual as interações se dinamizam (SATO & SOUZA, 2001). O âmbito do olhar se volta para sujeitos em determinados contextos sociais.
- 47 Esta modalidade de entrada no campo, na verdade, revelou-se como uma metodologia que nutre um profundo respeito pelo "objeto" de pesquisa, uma vez que não há perguntas de antemão a serem feitas, mas sim modelos de compreensão a serem construídos coletivamente. Como aponta Spink (2003),
- Não há dados nas nossas investigações porque não há fatos empíricos esperando pacientemente e independentemente para serem interpretados [...] ao contrário, há pedaços ou fragmentos de conversa [...] conversas presentes nas materialidades. Precisamos estar preparados para abrir mão de estruturas e estilos convencionais das dissertações, teses e artigos quando estes não ajudam a construir um diálogo inicial entre o campo tema e as demais pessoas direta ou indiretamente presentes. (p. 37).
- 48 Para Andrada (2010), há dois principais pontos de contato entre a Antropologia e a Psicologia Social: o olhar na direção do outro, com o intuito de lê-lo na sua complexidade, e as relações em campo, entre pesquisador e nativos ou pesquisados enquanto um processo de negociação. A pesquisa de campo passa a ser vista como um processo de convivência entre as pessoas, em que a qualidade do relacionamento (entre o pesquisador e os pesquisados) norteará a qualidade da pesquisa (SATO & SOUZA, 2001).
- 49 Spink (2008), buscando recuperar a noção de Psicologia Social como prática social de conversa e de debate, enfatiza o conceito de "micro-lugar" como produto de uma tarefa coletiva que dá sentido às práticas do pesquisador e dos demais membros competentes de uma comunidade moral.

Para o pesquisador, a noção de micro lugares é um duplo desafio: primeiro de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte. (SPINK, 2008, p. 72).

- 50 A ênfase no cotidiano permite uma compreensão de eventos do dia - a - dia como uma prática intersubjetiva e relevante, base da produção e reprodução de processos sociais (SPINK, 1996). O pesquisador em contato direto com o objeto de pesquisa apreende as transformações e nuances que o caracterizam, podendo descrever um retrato mais próximo da complexidade da realidade. O objeto de pesquisa nunca se mostra, nesta perspectiva, como fechado em si mesmo, mas como algo mutável e muitas vezes confuso.
- 51 É na escala do cotidiano que as pessoas agem e encontram o significado das suas ações, particularidade reveladora de toda uma rede de processos mais amplos em que a mesma está inserida.
- 52 Essa concepção afasta-se do funcionalismo e do estruturalismo deslocando-se do eixo das macro-análises para as relações cotidianas que compreendem não somente aspectos micro-sociais, mas que, em sua face local, resgata aspectos da história particular e de sua relação com determinantes sociais e culturais que a cercam. (Sato & Souza 2001, p. 30).

Sobre o trabalho de campo

- 53 Focalizando o trabalho de campo propriamente, entendido enquanto um processo de convivência entre as pessoas (SATO & SOUZA, 2001), a assimetria entre o pesquisador e os pesquisados se desfaz. O pesquisador é apenas um “curioso” sobre algum assunto que ele acredita que é relevante ser estudado.

No cotidiano, pessoas que se encontram pela primeira vez normalmente buscam se conhecer, incluindo aqui os psicólogos sociais quando não estão se esforçando para serem psicólogos sociais. Buscam, em outras palavras, chegar mais perto, conhecer o outro e trocar figurinhas para ter uma visão mais objetiva um do outro, conhecer seus pontos de vista e de onde falam; ou seja, uma objetividade construída intersubjetivamente (Habermas, 1984). O problema, portanto não é com a objetividade em si, mas em como é entendida. (Spink, 2008. p. 72).

- 54 Rockwell (1987) argumenta que não há um “livro de receitas” para o trabalho de campo etnográfico, pois este depende da negociação com os sujeitos envolvidos.

No hay una norma metodológica que indique qué se puede o se debe hacer “técnicamente”. Lo que de hecho se hace en el campo depende del objeto que se construye; depende de la interacción que se busca con la realidad; depende, en parte, de lo que ponen los otros sujetos con quienes se interactúa. (p. 07).

- 55 Para Sato & Souza (2001), o trabalho de campo na etnografia requer do pesquisador muito rigor, uma vez que “é a sua relação com as pessoas do local e dele com as teorias e hipóteses que gerarão os achados da pesquisa” (p.40). Dessa forma, o que distingue o psicólogo social dos demais atores sociais é a nossa vinculação com a temática, nós propomos que esta é “psicologicamente relevante” (SPINK, 2003).
- 56 O trabalho de campo, por este olhar, não se inicia quando vamos ao lugar da pesquisa, mas quando nos vinculamos à temática. O campo, enquanto “campo-tema” (SPINK, 2003), são construções sociais que exigem que o pesquisador se posicione. Como aponta Spink (2003),

[...] ser parte do campo-tema não é um final de semana de pesquisa participante e muito menos uma relação de levantamento de dados conduzido num lugar exótico, mas é, antes de mais nada, a convicção moral que, como psicólogos sociais, estamos nesta questão, no campo-tema, porque pensamos que podemos ser úteis. (p.27).

- 57 A pesquisa social passa a ser vista como uma “maneira de contar- e produzir- o mundo” (SPINK, 2003), construída pelas experiências do pesquisador envolvido em uma coletividade. Para Spink (2003), trata-se antes de uma escolha (ética) entre possessão e contribuição. Para Rockwell (1987), o processo do campo etnográfico perpassa pelo diálogo, em que o pesquisador compartilha com seus “interlocutores” os achados da pesquisa.

Existe una diferencia significativa entre esta actividad y la de “enseñar”, o incluso de “encuestar”, en la que se tiende a imponer las propias categorías y definiciones a la situación. Es necesario mostrar conocimientos y posiciones ante los asuntos compartidos con los interlocutores para poder dialogar con ellos, y de hecho esto sucede, por el tipo de preguntas que hacemos, las referencias que aceptamos y hasta los gestos menos conscientes de uno. (p.7).

- 58 Spink (2003) lembra-nos que o social é também composto de materialidade, que o campo é visto como “uma situação social de um assunto, a justaposição de sua materialidade e socialidade” (p.22), em que expõe-se uma teia de sentidos que se entrelaçam configurando e reconfigurando-se num dinamismo constante, com sua própria linguagem.

O campo-tema, como complexo de redes de sentidos que se interconectam, é um espaço criado-usando a noção de Henri Lefebvre (1991)- herdado ou incorporado pelo pesquisador ou pesquisadora e negociado na medida em que este busca de inserir em suas teias de ação. (SPINK, 2003, p. 28).

De perto e de dentro: uma etnografia urbana

- 59 A Antropologia convencionalmente esteve voltada para o estudo de comunidades tradicionais e a cidade não fazia parte do seu cenário de atuação. No entanto, a partir dos anos 1970 do século passado, houve uma mudança de perspectiva trazida pelos movimentos sociais das “minorias” que despontaram na época. Desde então, diversos estudos têm sido realizados na cidade, com foco nos atores sociais e espaços de instituições urbanas.
- 60 Compartilhamos com Magnani (2002) que a etnografia é um método de trabalho que se abre para a compreensão do fenômeno urbano. Entendida a Antropologia enquanto uma disciplina cujo objeto não é o “exótico” ou o “primitivo”, mas que “enquanto as maneiras de ser ou agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças que, de forma sempre renovada, continuará a ser o domínio da antropologia” (MAGNANI, 1996, p. 2). A cidade nos convida à inserção etnográfica.
- 61 Aprendemos com nossos colegas antropólogos a olhar a cidade não como uma espécie de pano de fundo onde se desenrolam as práticas cotidianas dos seus moradores, mas como parte constitutiva e determinante destas práticas, em que os moradores, através de suas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos, dão vida à metrópole tomados como atores sociais. “É a prática social de seus habitantes que confere ao espaço urbano sentido e significação” (MAGNANI & TORRES, 2008, p.304). É isto que caracteriza um “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002).

Ao partir dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar

vai além da fragmentação que, à primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõe recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica. (MAGNANI, 2002, p.25).

- 62 É esse "olhar de perto e de dentro" que nos permite decifrar as regras de sociabilidade e a apropriação dos espaços públicos pelos seus atores sociais. Neste sentido, uma praça, uma rua, um bar, uma igreja tornam-se mais do que lugares onde vamos fazer a pesquisa: constituem-se enquanto um campo aberto para o seu descobrimento e deciframento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 63 Os resultados do presente artigo devem ser lidos como levantamentos preliminares que merecem ser abordados mais detalhadamente a partir da conclusão do mestrado da pesquisadora. No entanto, como dito anteriormente, acreditamos que importantes achados foram feitos tanto no que concerne ao recorte de pesquisa propriamente dito, quanto em relação à organização da Praça da Sé enquanto um espaço rico de sociabilidade e de práticas de trabalho.
- 64 Conforme experiência anterior da pesquisadora em uma praça pública na região metropolitana de São Paulo, percebeu-se a predominância de um discurso em que os homens se afirmaram como trabalhadores em oposição às mulheres e jovens que também ocupavam a praça, sendo estes últimos associados por aqueles homens às representações de vadiagem. Neste discurso, aquele que é visto como "vadio" não é (necessariamente) aquele que está desempregado, mas, principalmente, aquele que usa seu tempo de maneira ociosa e, por isso, considerada indigna. O "não fazer nada" aparece como motivo de escárnio e condenação personificado na "figura do vadio", como denominado na praça.
- 65 Partindo da concepção de vadiagem como modo de vida que contesta a apologia (capitalista) do trabalho (CANDIDO, 1967), procurou-se investigar se o discurso acerca da figura (IANNI, 2002) do vadio também aparece na Praça da Sé como forma de explicação para fenômenos do mundo do trabalho e, em especial, como discurso ideológico que divide "bons" e "maus", a saber trabalhadores e vadios (GOETTERT, 2006). Para tanto, algumas visitas foram feitas à Praça da Sé em que a pesquisadora realizou alguns "bate-papos" (SPINK, 2008) com os atores sociais - um jornalista, um pregador, um policial, além dos transeuntes.
- 66 Constatou-se que aqueles que utilizam a Praça da Sé como local de trabalho se incomodam com o número de moradores de rua que circulam por aquele espaço, conferindo-lhes as representações de "vagabundos" e "acomodados", que não querem arrumar emprego, pois ali têm uma "vida mais fácil", "sem responsabilidades". A representação "viciados" também é recorrente para se referir aos moradores de rua. Desse modo, duas soluções foram apresentadas para lidar com esse público indesejável: a internação em clínicas para tratamento de dependentes químicos ou em albergues onde o trabalho seja obrigatório. Outro achado interessante foi que os pregadores, juntamente com os moradores de rua, apareceram associados à representação de vadiagem e malandragem, uma vez que, ao invés de trabalhar, estão ali para enganar o povo roubando-lhe seu dinheiro.
- 67 Dessa forma, notamos a presença de um discurso ideológico acerca do fenômeno do desemprego, em que se culpabiliza o indivíduo pela situação em que ele se encontra

(COSTA, 2005; NEVES et al., 1998), desconsiderando questões de ordem estrutural mais ampla. Além disso, foi possível verificar que as representações da vadiagem não se limitam apenas ao discurso da empregabilidade, como podemos notar no caso dos pregadores, mas se relacionam com a questão da racionalização do tempo de vida, em que "é proibido perder um tempo que é contado por Deus e pago pelos homens; o horário devia conjurar o perigo de desperdiçar o tempo - erro moral e desonestidade econômica" (FOUCAULT, 1987, p.140).

- 68 Por fim, gostaríamos de apontar que a pesquisa na Praça da Sé nos mostrou a possibilidade de perceber alguns "pedaços" (MAGNANI, 2002), em que sociabilidades são vividas, por exemplo, entre os senhores aposentados, os moradores de rua nas muretas e no pátio ao lado da Catedral. Esses espaços parecem se configurar como uma ponte entre o público e o privado, imprimindo uma tonalidade viva às práticas e aos discursos dos atores sociais.

BIBLIOGRAPHY

- AMANCIO, Kleber Antônio de Oliveira. À procura da liberdade moral: a vida cotidiana dos escravos e de seus descendentes no pós-abolição na Campinas das primeiras décadas do século XX. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ANDRADA, C. F. Etnografias em Psicologia Social: notas sobre uma aproximação fecunda. *Ponto Urbe (USP)*, v. 7, p. 129, 2010.
- ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Editora Boitempo, 1999.
- BECKER, H. S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1994.
- CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1964. (Coleção Documentos Brasileiros).
- CARVALHO, M. V. Vadiagem e criminalização: a formação da marginalidade social do Rio de Janeiro de 1888 a 1902. In: USOS DO PASSADO — XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2006, Rio de Janeiro.
- CHAUÍ, M. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COSTA, Mario de Souza. Qualificação profissional e ideologia: estudo com trabalhadores desempregados em busca de emprego. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DINIZ, B. F. Entrevista com Pedro Santinho: uma história de luta em uma fábrica sob o comando dos trabalhadores. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo, v. 10, n. 2, 2007.
- . Organização e cotidiano em uma fábrica ocupada: uma aproximação etnográfica. (Iniciação Científica)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. [DIG.].

- DINIZ, B. F. & BATISTA, J. T. Desemprego, geração de renda e trabalho em um Centro de Referência em Assistência Social. São Paulo, Centro de Psicologia Aplicada ao Trabalho (CPAT). Departamento de Psicologia Social e do Trabalho (PST), IPUSP, 2011. [DIG.].
- FARINA, A. F. & NEVES, T. F. S. Formas de lidar com o desemprego: possibilidades e limites de um projeto de atuação em psicologia social do trabalho. São Paulo. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol.10, n.1, pp. 21-36, 2007.
- FAUSTO, B. Crime e cotidiano. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GOETTERT, J. D. Aos “vadios”, o trabalho: considerações em torno de representações sobre o trabalho e a vadiagem no Brasil. Presidente Prudente. Revista Formação, vol. 2, n. 13, pp. 101-117, 2006.
- IANNI, O. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. Porto Alegre: Revista Sociologias, ano 4, n. 7, pp. 176-187, jan./jun. 2002.
- KOWARIK, L. Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Editora Paz e Terra, SP, 1994.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. de L. (Orgs.) Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- _____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n.49, pp.11-29, jun. 2002.
- MAGNANI, J. G. C & TORRES, L. de L.(Orgs.) Na Metrópole: textos de antropologia urbana. 3. ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.
- MARX, K. O Capital, Livro I. Traduzido da quarta edição alemã. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- NEVES, T. F. S. et al. Desemprego e ideologia: as explicações das causas do desemprego utilizadas por trabalhadores metalúrgicos. São Paulo. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 1, pp. 1-13, 1998.
- ROCKWELL, E. Reflexiones sobre el proceso etnográfico (1982-85). México: Centro de Investigación y Estudios Avanzados del Instituto Politécnico Nacional. Mimeografado, 1987.
- _____. La experiencia etnográfica. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- SATO, Leny. Astúcia e ambiguidade: as condições simbólicas para o replanejamento do trabalho no chão de fábrica. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.
- SATO, L.; SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. Psicologia USP, São Paulo, v. 12, n.2, pp. 29- 47, 2001.
- SPINK, P. K. A organização como fenômeno psicossocial: notas para uma redefinição da psicologia organizacional e do trabalho. Psicologia e Sociedade, v. 8, n.1, p.174-192, 1996.
- _____. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. Psicologia & Sociedade. 15(2), p.18-42, 2003.
- _____. O pesquisador conversador no cotidiano. In: Psicologia e Sociedade, v. 20, Edição Especial, p.70-77, 2008.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOTES

1. O tempo de trabalho, na perspectiva marxista (MARX, 1968), se divide em duas partes: “tempo de trabalho necessário” e “tempo de trabalho excedente” (ou sobretrabalho). O primeiro está relacionado ao tempo necessário à própria manutenção do trabalhador e o segundo seria o tempo destinado ao detentor dos meios de produção, em que se realiza a mais-valia. Dessa forma, a jornada de trabalho resulta no tempo de trabalho necessário mais o tempo de trabalho excedente.

2. “Cracolândia (por derivação de crack) é uma denominação popular para uma região no centro da cidade de São Paulo, nas imediações avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco, Cásper Líbero e a rua Mauá, onde historicamente se desenvolveu intenso tráfico de drogas e meretrício”.
Fonte: Wikipedia - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cracol%C3%A2ndia> . Acesso em 21/01/2013.

ABSTRACTS

Em um projeto de pesquisa e intervenção em uma praça pública da região metropolitana de São Paulo com a temática do desemprego e geração de renda, constatou-se que as representações acerca da vadiagem têm sido um tema presente no discurso de segmentos populares acerca do mundo do trabalho, conferindo-lhe sua atualidade. Neste contexto, a responsabilidade pela situação do trabalhador ou pela falta de trabalho era relegada ao indivíduo que não se esforçava o suficiente para procurar emprego, não queria se qualificar ou ainda não aceitava “serviço pesado” em um mercado de trabalho em que “há empregos para todos aqueles que realmente querem trabalhar”. O presente texto tem por objetivo investigar se na Praça da Sé, localizada na área central da cidade de São Paulo (SP), esse discurso acerca do mundo do trabalho e da “figura do vadio” também aparece. Partimos aqui de um “olhar de perto e de dentro”, em que a cidade é tomada não como mero cenário, mas como parte constitutiva e determinante das práticas dos seus moradores que, através de suas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos e conflitos, dão vida à metrópole e são considerados como atores sociais. Embora seja pequeno o número de entrevistas realizadas na Praça da Sé, constatou-se que o trabalho constitui-se como um valor central, sendo sua falta percebida como responsabilidade do próprio indivíduo, o que coloca em relevo a questão da vadiagem enquanto um modo de vida que contesta a apologia (capitalista) do trabalho.

In a research and intervention project at a public square in Metropolitan São Paulo addressing the subjects of unemployment and income generation, it was found that representations of vagrancy have been a recurrent theme in the speech of portions of the population regarding the world of work, which makes it a current topic. In this context, responsibility for one's work situation or joblessness is ascribed to the individual who has not made enough of an effort to look for a job, or who does not wish to get formal training, or yet who does not accept “heavy duties”, in a job market in which “there are jobs for all of those who really want to work”. This article aims to investigate if at Praça da Sé, located in the Central Zone of São Paulo, the “vagrant figured” is also mentioned. Ours is the insider's point of view, offering a close perspective in

which the city is taken not as mere stage but as a constitutive and determinant part of its inhabitants' practices, who, viewed as social actors, enliven the metropolis through their networks, forms of sociability, lifestyles, displacements and conflicts. Although the interviews have been reduced to those taking place at Praça da Sé, the research found that work is a core value and lack thereof is perceived as the individual's own responsibility, underscoring the issue of vagrancy as a lifestyle that confronts the (capitalist) eulogy of work.

INDEX

Palavras-chave: método etnográfico, vadiagem

Keywords: ethnographic method, Praça da Sé, vagrancy

AUTHOR

BEATRIZ FERRAZ DINIZ

Mestranda do Programa de Pós -Graduação em Psicologia, área de concentração em Psicologia Social, Universidade de São Paulo. Email: beatriz.diniz@usp.br